



# Pontes Interdimensionais

**Betânia Ferreira de Abreu, Sandra Soares de Mello**

## Resumo

A dessoria de um ente querido é experiência traumática que, em geral, abala profundamente a estrutura física e psíquica humana. Neste artigo é apresentado estudo de caso que enfoca o tema, pela abordagem multidimensional. O caso é exposto sob diferentes perspectivas, uma de cada autora, ao mesmo tempo pesquisadora e partícipe. As vivências relatadas explicitam fenômeno de projeções assistenciais em série, envolvendo encontros com familiares das autoras, dessorados em curto intervalo de tempo. O conhecimento dos paradigmas da Conscienciologia abriu portas para a ressignificação das ocorrências e o desenvolvimento de atributos bioenergéticos e parapsíquicos. O compartilhamento, entre as autoras, dos respectivos processos de autopesquisa conscienciológica tornou-se importante ferramenta de sinergia interassistencial. O conjunto das vivências aqui apresentadas propiciou múltiplas reciclagens conscienciais e o enfrentamento da dor, pela construção de conexões multidimensionais.

**Palavras-chave:** autopesquisa sinérgica compartilhada; dessoria; interassistência; multidimensionalidade; projeção lúcida; superação.

## INTRODUÇÃO

Encontros e despedidas, chegadas e partidas fazem parte da transitoriedade da vida intrafísica. Compreender e respeitar seu dinamismo exige mais do que conhecimento teórico sobre a imortalidade da consciência. A partida inesperada de um ente próximo inevitavelmente traz muita dor, cuja superação implica mudanças teáticas e paradigmáticas.

São aqui apresentadas experiências de transmutação da energia de sofrimento, pela manifestação e desenvolvimento da projeção consciente e do parapsiquismo, permitindo o rompimento das barreiras entre as dimensões. Por vivência própria, passamos a compreender que estamos todos inseridos em um mecanismo maior – e mais desconhecido – do que o universo intrafísico. Este artigo trata de raro fenômeno de projeções assistenciais em série, supervisionadas por amparadores extrafísicos.

A vivência viabilizou reciclagens profundas, necessárias à dinâmica evolutiva, que só se processa por meio da autopesquisa e da interassistência.

## I. ABORDAGEM METODOLÓGICA E OBJETIVOS DA PESQUISA

Pedro Demo (1995) distingue metodologia – caracterizada pela discussão teórica – de métodos e técnicas de pesquisa, de caráter empírico. No empirismo toda evidência deve estar sujeita à comprovação feita

pelos sentidos humanos básicos. Uma das condições, estabelecidas por Karl Popper, para a refutabilidade da hipótese científica é o caráter de generalidade, ou seja, poder ser testada repetidamente (QUIVY & CAMPENHOUDT; 1992).

O cumprimento da condição de replicabilidade, no que diz respeito a fenômenos extrafísicos, envolve a preexistência de atributos paraperceptivos, ou o seu desenvolvimento pelo pesquisador, o que conduz a um dos pilares da Conscienciologia: a autopesquisa. Isto implica o questionamento de um dos preceitos básicos da metodologia científica tradicional: a isenção do pesquisador, o distanciamento entre sujeito e objeto de pesquisa.

Os paradigmas da visão cartesiana, que fundamentou a ciência clássica, passaram a ser refutados, a partir da primeira metade do século XX, por pesquisadores de diferentes linhas de pensamento (CAPRA, 2000). A delimitação do campo das ciências sociais trouxe inovações, no sentido de explicitar as limitações das metodologias tradicionalmente aplicadas às ciências exatas. Ficou evidente que nem todos os processos e fenômenos podem ser quantificados, pesados e calculados matematicamente (DEMO, 1995; p. 11).

Os métodos propostos pelas ciências sociais representaram importante avanço no que diz respeito às formas de comprovação de hipótese científica. Tornou-se aceito que a demonstração de enunciados pode se dar por meio de métodos alternativos, utilizando técnicas como relatos, questionários, entrevistas, observação direta. Merece destaque a pesquisa *participante*, fundamentada no envolvimento do pesquisador com o objeto e na correspondência entre teoria e prática (QUIVY & CAMPENHOUDT; 1992). A academia tem, pois, caminhos já abertos no que diz respeito à metodologia científica, abrigando os princípios da teática e da autopesquisa, basilares da Conscienciologia.

Em consonância com a especificidade da autopesquisa conscienciológica, no presente trabalho, as autoras desempenham papel de sujeito e objeto do processo. O caso em estudo é apresentado, inicialmente, por meio de dois relatos, sob a perspectiva de cada pesquisadora-partícipe. Cada relato corresponde a um tópico deste trabalho. Os desdobramentos das vivências relatadas foram organizados em dois outros tópicos: sincronidades evidenciadas e principais aprendizados; processos de interassistência envolvidos e reciclagens decorrentes.

As informações relativas à dimensão intrafísica foram registradas sistematicamente ao longo do tempo. As informações relativas à dimensão extrafísica provêm da adoção de técnica de rememoração e registro, envolvendo dois momentos básicos: registro rudimentar, durante a noite, logo após a experiência projetiva; transcrição mais apurada, no período de vigília física, seguida de respectiva projeciocritica.

O compartilhamento da experiência tem como objetivo principal prestar assistência a outras consciências que venham a lidar com a dessoma de entes queridos, com base no paradigma consciencial. O trabalho possui os seguintes objetivos específicos:

- Explorar as relações entre as dimensões intrafísica e extrafísica, desmistificando a compartimentação entre as mesmas e desdramatizando o fenômeno da dessoma.
- Apontar a percepção de afinidades entre consciências, que transcendem o escopo de uma única existência, evidenciando relações de mesmo grupo evolutivo.

- Demonstrar que a superação da dor se viabiliza a partir da vivência multidimensional, pelo desenvolvimento da projeção consciente, do parapsiquismo e do domínio bioenergético.
- Apresentar a técnica da Autopesquisa Sinérgica Compartilhada, desenvolvida pelas autoras ao longo do processo, que permitiu a potencialização dos aprendizados, pela análise associada das vivências.

A experiência aqui relatada provocou o encontro destas autoras, a reflexão sobre os respectivos processos seriexológicos e proexológicos, a identificação de trajetórias e metas comuns, delineando o planejamento da ação conjunta.

## II. PERSPECTIVA A

Em maio de 2012, um fato modificou profundamente nossas vidas: a dessoria de Débora, nossa filha caçula. Foram três meses nos quais se alternaram períodos de internação hospitalar e voltas para casa. Quando estávamos confiantes na sua reabilitação, deu-se uma complicação de distúrbios gástricos, que, associados a diagnósticos médicos equivocados, levaram a duas paradas cardíacas seguidas, às quais ela não sobreviveu.

O sentimento de uma mãe que passa pela experiência de partida de um filho é de difícil descrição; é como perder o chão, o ânimo para seguir vivendo. Além dos laços afetivos desenvolvidos ao longo dos vinte e dois anos de vida de Débora, vínculos viscerais, de “sangue”, nos trouxeram tal intimidade intrafísica que, interrompida, deixaram sequelas sem parâmetros.

Alguns fatores permitiram o enfrentamento do trauma, sem deixar que o desespero tomasse conta. O primeiro deles foi o apoio incondicional da família e dos amigos. Outro fator foi a experiência de mais de trinta anos participando de grupo espiritualista, no qual realizávamos trabalhos de assistência extrafísica. Meu marido e eu estávamos familiarizados com a ideia de que a vida não termina com a morte do corpo físico. Nossa postura diante da dessoria – o fato de termos mantido, cada qual, o próprio eixo, apesar da dor incomensurável – serviu de referência para aqueles que nos cercavam.

Por volta de três meses após a dessoria de Débora, recebi uma ligação telefônica de Betânia, mãe de um amigo de meu filho. Morando em diferentes cidades, havíamos nos encontrado apenas duas vezes antes, por intermédio dos filhos. Um pouco constrangida ao telefone, Betânia externou que, apesar de mal nos conhecermos, havia acompanhado e sentido um envolvimento profundo com todo o processo de enfermidade de minha filha. Iniciou desculpando-se, pois não sabia se o que iria dizer faria algum sentido para mim, mas intuía ser mensageira de notícias importantes. Havia tido um “sonho especial”, no qual estava diante de uma espécie de tenda, um espaço muito grande, iluminado, onde predominava a cor branca. Ao seu lado, um senhor, que lhe inspirava confiança, disse: “A Débora se encontra aqui. Ela está amparada e em tratamento”.

No início de dezembro do mesmo ano, fomos surpreendidos pela notícia de que Marcio, esposo de Betânia, havia sofrido mal súbito, vindo a falecer em seguida. Desta vez fui eu a desejar falar com ela, oferecer algum apoio, de forma que lhe telefonei no dia seguinte.

Em breve tempo floresceu nossa amizade. Envolvi-me profundamente com o sofrimento de Betânia, tomando conhecimento sobre quão ímpar havia sido seu casamento, de dedicação mútua integral e harmônica.

Passamos a nos falar com frequência. Em uma das ligações telefônicas, ainda em dezembro, minha nova amiga disse que, todas as noites, tinha sonhos muito “reais” com seu marido. Nos contatos seguintes, voltou a falar sobre seus sonhos especiais, mas não houve oportunidade para que me inteirasse sobre a profunda reviravolta pela qual passava.

Em maio de 2013, recebi um telefonema de Betânia. Era véspera do dia das mães e ela tinha um recado da Débora para mim. Revelou que havia um tempo se encontrava com ela, em experiências de projeção lúcida, que se seguiram àquelas inicialmente tidas como sonhos. Disse-me que minha filha estava bem, em local extrafísico denominado “Hospital Escola”, onde ainda recebia tratamento, convivia e auxiliava outros jovens. Dentre as diversas atividades desempenhadas, dava aulas de desenho para crianças. Fiquei especialmente emocionada ao ouvir isto, pois condizia muito com o perfil de Débora. Ela sempre gostou de desenhar e, quando criança, dava aulas de desenho para os colegas, na hora do almoço, na escola.

Betânia foi o canal para uma nova forma de relação com a dimensão extrafísica. Passei a acompanhar amiúde suas experiências projetivas e com isso receber informações consecutivas sobre nossa filha. Tivemos o privilégio ímpar de acompanhar o trabalho realizado pela dupla Marcio (consciex) e Betânia (conscin projetada), cuja energia foi aplicada no processo de despertar de Débora e na sua adaptação à nova condição, sob a supervisão de amparadores extrafísicos.

Meu marido e eu nos interessamos pela Conscienciologia, passando a estudá-la, buscando trazer suas bases paradigmáticas para a vivência cotidiana. Passei a aprimorar as práticas bioenergéticas antes já aplicadas, buscando maior domínio para a assistência a outras consciências. Tudo isso contribuiu para a compreensão sobre experiências pessoais que se seguiram e para o desenvolvimento de novas formas de comunicação interdimensional.

O aprendizado não é fácil, ou nítido, envolve dedicação, mente e coração abertos. No tocante a minha filha, hoje podemos dizer, com convicção, que o amor que nos une não ficou estagnado. O fato de termos que prescindir da presença física faz com que este amor se expanda e enriqueça, de tal forma que não poderíamos antes imaginar.

### **III. PERSPECTIVA B**

No ano de 2012, apesar de viver um dos momentos mais tranquilos da minha vida – família estruturada, trabalho, todos com saúde –, fui acometida de uma inquietação de causa desconhecida. Passei o ano todo com a sensação de que algo ia ocorrer e acabar com aquela tranquilidade. Além disso, tinha sonhos que me pareciam muito reais, onde frequentava lugares desconhecidos, fazendo cursos, ministrando palestras, usando termos e conceitos dos quais nunca tinha ouvido falar.

No dia dois de dezembro, saí de casa pela manhã para participar de uma corrida de rua e quando voltei para casa, Marcio, meu esposo, conhecido pela ótima saúde, tinha tido um problema cardíaco, inesperado e agudo, vindo a falecer. Foram momentos muito tumultuados.

Mergulhada no luto e no turbilhão provocado pela dessoria do Marcio, comecei, poucos dias depois, a ter sonhos muito lúcidos, onde, guiada por alguém amigo (do qual só intuía a presença), eu o encontrava, trocávamos abraços e poucas palavras. Emocionada, acordava em seguida, com uma sensação muito nítida de ter vivenciado realmente aquele encontro.

Tínhamos estudado, durante muitos anos, a doutrina espírita. Eu estava acostumada a vivenciar experiências parapsíquicas, sem, contudo, saber distingui-las. A primeira coisa que me chamou a atenção foi que, quando acordava, sentia repercussões pelo corpo, como formigamento, barulho na cabeça, pequenos choques, sensação de estar inflada.

Os encontros passaram a se repetir todos os dias e, aos poucos, foram ficando mais lúcidos e longos. Toda noite, logo que dormia, me via em outro lugar, sempre acompanhada por uma presença sutil. Comecei a perceber que, diferentemente dos sonhos comuns, era como se eu soubesse o que estava fazendo, tinha arbítrio, podia ver e sentir as coisas à minha volta com muita nitidez, podia até (isso me impactou) trocar ideias com aquela consciência amiga, que parecia ter respostas para questionamentos e situações do meu dia a dia. Pensei: isso não é um sonho comum.

Comecei a ter experiências onde essa consciência e o Marcio me falavam da importância de estudar novos conceitos (usavam termos que eu desconhecia) e me preparar para um trabalho.

Dois meses depois, por uma série de sincronicidades, tive contato com a Conscienciologia, por intermédio de um amigo do Marcio. Comecei a estudar avidamente e, aliviada, pude compreender e identificar as experiências vivenciadas.

Quanto mais estudava, mais lúcidas ficavam as projeções (agora usando o termo correto para as vivências). Entendi que a consciência amiga era um amparador extrafísico, que me ajudava na saída do corpo, acompanhava durante toda a experiência no extrafísico, orientava sobre assuntos a estudar e me dava aulas sobre energia.

Quando consegui controlar o emocionalismo, pude estar com o Marcio sem sobressaltos e começar, ao seu lado, um trabalho de assistência a consciências recém dessoradas. Ele havia sido médico nesta vida intrafísica e, na nova condição, trabalhava em um hospital extrafísico, enorme e muito bem equipado. Fiz várias visitas por suas instalações, enfermarias, laboratórios sofisticados, biblioteca. Atuávamos em um para-ambulatório, como se fossemos o médico e sua enfermeira, recebendo e cuidando de crianças e jovens, auxiliando-as em sua readaptação naquela dimensão. Esse hospital era cercado por um magnífico jardim, com flores e cores desconhecidas na dimensão intrafísica, utilizado também para distrair as crianças.

Após alguns meses de trabalho, Marcio me leva a outro pavilhão, vamos atender uma paciente especial. Estranho um pouco a energia do local, talvez por estar ansiosa. Entramos em uma estrutura que me parece uma tenda branca, que reconheço como sendo a mesma vista em projeção anterior (antes de iniciar este processo). O ambiente está na penumbra, em uma cama com lençóis muito alvos, repousa Débora. Está dormindo. Vejo-a com pequenos ferimentos pelo rosto, o cabelo se espalha pelo travesseiro.

Fico muito emocionada. O Marcio me chama a atenção para manter o foco na assistência, no trabalho a ser realizado. Nesse primeiro momento, nos aproximamos da cama e vamos energizá-la. Posso ver a energia envolvendo todo o ambiente. Estou muito feliz em poder ajudá-la. Penso na sua mãe.

A partir desse dia, todas as noites, depois dos atendimentos no para-ambulatório, vamos vê-la. Ficamos ao seu lado, exteriorizando energias e os melhores pensenes (pensamentos, sentimentos e energias) para sua recuperação. Após alguns dias, percebo que os ferimentos no rosto estão desaparecendo, posso ajeitar seus cabelos e segurar suas mãos delicadas.

Quando ela desperta no extrafísico, estamos ao seu lado. Vimo-nos apenas duas vezes no intrafísico, mas percebo que ela nos reconhece como amigos.

Aos poucos vai melhorando e já pode interagir conosco. Além do trabalho energético, podemos conversar, posso levá-la ao jardim e logo a transferimos para um quarto bem iluminado no nosso hospital. Temos muita afinidade, costumo dizer que sou sua “mãe” na dimensão extrafísica.

Sua recuperação e progressos são lentos. Não há saltos evolutivos também no extrafísico. Há dias em que ela se apresenta melhor, em outros está mais abatida. Tem desafios, como todos nós. Percebo que o ambiente acompanha a melhora de seu estado.

Passado algum tempo, já posso falar com ela sobre os pais e irmãos. Eles já sabem que cuido dela. Posso trazer e levar notícias. Isso é muito bom para todos e me proporciona uma satisfação imensa fazer parte deste processo interassistencial. Percebo mudanças no seu paravisual. Os cabelos estão mais longos e volumosos, os ferimentos do rosto desapareceram.

Um dos pavilhões do hospital é a ala que chamo de Hospital Escola, para onde encaminhamos os pacientes que já estão melhores e podem avançar em seu processo evolutivo. Há salas para aulas de música, artes, e muitas outras atividades. Quando pode ser encaminhada para lá, Débora passa a ajudar no trabalho com as crianças. Ela sabe desenhar e pintar, trabalha com elas. Tem uma amiga, Samantha, uma jovem de 13 anos. Estão sempre juntas.

Fiquei ainda muitos meses acompanhando Débora na readaptação à sua nova condição. Sentia-me muito bem em vê-la, dia a dia, galgando degraus. Pouco a pouco, foi vencendo a insegurança. Ficou mais madura, passou a interagir de modo mais ativo, centrada, apresentando opiniões, preocupando-se em assistir os familiares.

Exemplificando, transcrevo a seguir o registro parcial de um dos encontros com Débora, no qual procuro reproduzir sua fala:

Ela quer que diga à sua mãe que está bem, que não se preocupe, porque as coisas vão se ajeitar lá também.

*– Tudo caminha. As dificuldades vão passar e, nessa outra fase, poderemos seguir todos, sem tanto sofrimento. Os passos serão mais leves. Mas é preciso seguir, sempre.*

Manda beijos para os meninos e o pai. Diz que são ligados há muito tempo; se observarem, poderão perceber isso.

Ela tem trabalhado e crescido, não sem esforço, como deve ser mesmo.

[...] Quer saber de mim, diz que devo avançar muito também.

– *Todos avançando, este movimento assim conjunto tem mais força.*

Pergunta se compreendo isso (percebo que ela tem amparo para falar).

– Vamos poder ver, lá na frente, a ligação de nossas famílias. Isso também pode ajudar.

Tudo está interligado – bem mais do que podemos perceber.

A partir de janeiro de 2015 não a vi mais no Hospital Escola, embora tenha tido outras experiências parapsíquicas com ela e percebesse que permanecíamos conectadas. Continuei enviando a ela meus melhores pensenes e meu carinho. Tenho como hipótese que, a partir desta data, ela foi transferida para outro local extrafísico. Seguimos, nós duas, a caminhada evolutiva.

#### IV. SINCRONICIDADES E APRENDIZADOS

A trajetória comum das autoras, durante e após os episódios aqui relatados, foi pontuada por uma série de sincronicidades. Os exemplos são inúmeros, de pequena a grande escala, tais como:

- Uma pensar em ligar para a outra e, com o telefone na mão, receber o telefonema desta.
- Ambas receberem, no mesmo período, mensagem idêntica dos respectivos amparadores.
- O episódio da dália: em encontro no extrafísico, Débora entregou uma flor amarela (que parecia dália) para Betânia, pedindo que a levasse para a mãe. No dia seguinte, em Brasília, Betânia foi almoçar com o filho. No caminho, em meio a engarrafamento, ele desceu do carro e, sem saber da história da flor, inusitadamente, colheu dalias de um canteiro público e deu para a mãe. Mais tarde, quando foi visitar a amiga, ela tinha a flor para lhe entregar, fechando o ciclo interdimensional.

As sincronicidades foram sendo acolhidas por nós como indicação de sintonia com a atuação dos amparadores, sinalizando estarem sendo movimentadas energias no extrafísico, orientando e concatenando fatos e parafatos. Pouco a pouco, foi se tornando mais nítida a percepção de estarmos todos inseridos em um maximecanismo, do qual conhecemos ainda muito pouco. Esta percepção encaixa-se no conceito de *senso de parafiliação*, constante da Enciclopédia da Conscienciologia:

“O senso de parafiliação é a autoconsciência teática do proexista quanto à vinculação das tarefas evolutivas pessoais ao conjunto de trabalhos assistenciais de equipe multi-dimensional amparadora, propiciando reconfortante sensação de parapertencimento, confiança no suporte extrafísico aos empreendimentos cosmoéticos e responsabili-

dade pela manutenção da própria condição de minipeça lúcida funcionante (LOPES, 2018; p. 20192).”

As vivências de projeção consciente revelaram diferentes aspectos relativos aos ambientes extrafísicos, que possuem dinâmicas próprias. Nesses ambientes, as consciexes atuam, convivem, trabalham, estudam, continuam sua evolução.

Grande diversidade de interações possíveis entre as dimensões foram evidenciadas. Consciências extrafísicas, livres do restringimento do soma, em função do grau evolutivo e domínio energético, podem reunir mais condições para influenciar consciências intrafísicas. Waldo Vieira ressalta a existência de legiões de consciexes consciencialmente atrasadas, em condições parapatológicas, que sequer compreendem estar livres das necessidades fisiológicas humanas (VIEIRA, 2002; p. 574). O autor aponta também a factível influência prejudicial de consciexes assediadoras, que pode ser direta ou indireta e com graus variados de negatividade (VIEIRA, 2002 p. 706, 707).

Consciexes que possuem maturidade consciencial cosmoética podem, outrossim, atuar de forma benéfica, o que é potencializado por atributos como: capacidade de visão ampliada; acesso à holomemória; percepção apurada das seriéxis e da composição de grupos evolutivos; maior facilidade de desapego do ego, foco policármico, visão universalista.

Por outro lado, foi demonstrada a possível contribuição da conscin, na exteriorização de energias conscienciais (EC) mais densas, relevantes no processo de reabilitação da consciex recém dessomada. Podemos estabelecer paralelo entre o papel de assistência desempenhado pela conscin, em projeção assistida, e aquele mencionado por Waldo Vieira, referindo-se ao trabalho da tenepes (tarefa energética pessoal):

“[...] sanar os distúrbios do âmbito da parapatologia do psicossoma, dentre eles as sequelas do restringimento intrafísico da consciex que passou recentemente pela dessoma. Por exemplo: a recuperação mais rápida da maturidade extrafísica para aquelas consciências que sofreram a dessoma em tenra idade física, ou no período da adolescência, e que se tornam crianças extrafísicas, que merecem ou precisam retornar a ser consciencialmente adultas mais depressa ou em pouco tempo. Nesses casos as ECs troposféricas da conscin, praticante da tenepes, atuam de modo positivo com possibilidades de *rapport* maior na extração das energias ainda muito humanas, afins, remanescentes, vinculadas à consciex (VIEIRA, 2011; p.57).”

A série de projeções lúcidas, patrocinadas pelos amparadores, nas quais Betânia e Marcio exteriorizavam energias conscienciais para Débora, foi essencial no seu processo de recuperação.

Málu Balona (2015; p.74) estabelece importante diferenciação entre dois tipos de grupos de consciências vinculados por comprometimentos passados: *grupocarma* – formado por consciências de níveis evolutivos diferentes – e *grupo evolutivo*, pautado por “afinidade positiva ou identidade cosmoética”. A autora

acrescenta: “O grupo evolutivo se reúne no período intermissivo – a cada intervalo entre duas vidas humanas consecutivas – para fazer o balanço do que foi aprendido” (BALONA, 2015; p.74).

Algumas informações acessadas no extrafísico, como as prestadas por Débora (trecho citado no relato de Betânia, Perspectiva B), revelam a preexistência de laços evolutivos entre as duas famílias, ratificando as sincronicidades e o senso de familiaridade (identidade) observados no intrafísico.

A forte ligação que construímos, a partir desta história, foi afetuosamente traduzida em nova forma de tratamento pessoal. Uma passou a chamar a outra de “irmex” (irmã extrafísica), neologismo adotado também pelos colegas de voluntariado.

## V. INTERASSISTÊNCIA E RECICLAGENS

A intensidade do processo relatado provocou significativas transformações em nossas vidas, implicando profundas reciclagens existenciais (recéxis) e, sobretudo, reciclagens intraconscenciais (recins). Com a oportunidade de compartilhar a vivência do luto, nossos encontros e contatos telefônicos tornaram-se periódicos. Durante as longas conversas, fomos construindo um processo de interassistência pelo qual, em cada distinta situação, uma desempenhava papel de suporte tarístico para a outra. O desenvolvimento das respectivas autopesquisas passou a ser comentado, criando espaço para avaliações comparativas. O que teve início de maneira intuitiva foi sendo gradativamente aprimorado e sistematizado, consubstanciando a *Técnica da Autopesquisa Sinérgica Compartilhada*.

Ao longo do processo, identificamos:

- Os aportes anteriores de cada pesquisadora, identificados como complementares, contribuindo para a interassistência e sinergia nas análises associadas;
- Os traços de cada uma que se destacaram ao longo da pesquisa compartilhada: trafores (traços-força), gradativamente apropriados e potencializados; trafares (traços-fardo), a serem enfrentados e superados.

Verificamos que cada traço de personalidade, dependendo de uma série de fatores, pode aflorar segundo aspectos positivos ou negativos. Uma vez identificado um traço marcante da personalidade, que estava se manifestando como trafar, passávamos a dirigir esforços no sentido de reciclá-lo, como trafor.

A título de exemplo, citamos uma dupla de trafares opostos, cuja alternância observamos ser comum a ambas: de um lado, *autoinsegurança* e, de outro, *vaidade*. Eles evoluem de forma inversamente proporcional: à medida que diminui a insegurança aumenta o risco de desenvolvermos características do outro trafar, a vaidade. Nosso desafio passou a ser substituir a lógica de trafares, reflexo da “imaturidade do ego” (BALONA, 2015; p.183), pela lógica de trafores, no caso, *autoconfiança* e *autoestima*, que podem evoluir conjuntamente.

A identificação e análise dos respectivos traços permite, com base nos aportes prévios, o delineamento de cada passo para a superação dos trafares e potencialização dos trafores. Isto propicia a gradativa qualificação para novos patamares evolutivos.

Um resumo do processo é indicado no *Quadro Síntese* da técnica, apresentado a seguir:

### Técnica da Autopesquisa Sinérgica Compartilhada - Quadro Síntese

|   | <b>Pesquisadora A</b>  | <b>Pesquisadora B</b>   |
|---|--|---|
| <b>Aportes relevantes</b>                   | pesquisa acadêmica, estruturação lógica  | projetabilidade lúcida, hipermnésia   |
| <b>Trafores de destaque</b>                 | intelectualidade, aglutinação, acolhimento   | macrossoma (em certo grau/ hipótese), empatia, disciplina   |
| <b>Trafares de destaque</b>                 | somatização, culpabilidade   | emocionalismo, apego  |
| <b>Desdobramentos</b>                       | cursos, desenvolvimento de habilidades parapsíquicas, identificação de sinaléticas energéticas, ampliação da assistência   |   |
| <b>Metas realizadas/ ações em andamento</b> | voluntariado, tenepes, assistência técnica, escrita conscienciológica (registro analítico das experiências)  | voluntariado, tenepes, assistência técnica, docência, palestrante, itinerância, escrita conscienciológica (registro analítico das experiências) |
| <b>Metas futuras</b>                        | Aprimoramento da lucidez e do autodiscernimento; docência e assistência técnica avançadas; itinerância; desenvolvimento da escrita conscienciológica (temas de autopesquisa identificados) e publicação de gescon. |   |

No processo analítico compartilhado, foram destacados os trafares situados no cerne dos respectivos entraves evolutivos. Observamos que, diante de uma mesma situação crítica, as repercussões negativas de cada pesquisadora eram moldadas segundo seu *trafar de destaque*.

Como exemplo, citamos caso de assistência prestada por ambas a determinada conscin, cujo filho havia dessorado recentemente. Após o atendimento, uma apresentou repercussões somáticas (dor de cabeça, mal estar físico), enquanto a outra sentiu reverberações emocionais (angustia repentina, mal estar inespecífico). Observamos que este padrão se repetia em diversas situações, sinalizando os respectivos trafares a serem objeto de atenção especial, como indicado no Quadro Síntese aqui apresentado.

A análise comparativa tornou-se campo fértil para as reciclagens decorrentes. Curiosamente, diante da manifestação do traftar de uma das pesquisadoras, a outra, ao ter a oportunidade de prestar-lhe assistência, via aflorar seu *traftar de destaque*. Identificamos, por exemplo, que uma raramente se abatia fisicamente, sendo aventada a hipótese de macrossoma (em certo grau), ao passo que a outra tinha maior facilidade de manter o mentalssoma no comando, em determinadas situações, podendo dar maior suporte emocional à amiga. Em diversos momentos, tivemos que abrir mão do papel confortável da tacon (tarefa de consolação), para agir de acordo com a autenticidade da tares (tarefa de esclarecimento).

Podemos computar muitas vertentes de ganhos, como a oportunidade de análise conjunta de parafatos. Entretanto, a principal vertente consiste na qualificação das relações com as demais consciências. Pouco a pouco, as prioridades vão sendo revistas, buscando fundamentar nossa atuação segundo premissas cosmoéticas, pensividade sadia e postura proativa. O aprimoramento pessoal, advindo da autopesquisa sinérgica compartilhada, nos permite ampliar e qualificar a interassistência para além dos círculos familiares e grupocármicos, na perspectiva da policarmalidade e da megafraternidade.

## REFLEXÕES CONCLUSIVAS: A VIDA SEGUE

Há um dito popular que proclama: “para tudo na vida há solução, menos para a morte”. O caso aqui relatado, segundo duas perspectivas diferentes, leva-nos a rever a segunda parte do ditado. Tivemos oportunidade de constatar que a vida não termina após o descarte do corpo físico. A jornada evolutiva é um *continuum*: da dimensão intrafísica para a dimensão extrafísica e vice-versa.

Os relatos das experiências de projeção lúcida demonstram que os laços criados entre consciências integrantes de mesmo grupo evolutivo não se rompem com o descarte do corpo físico. Os aprendizados decorrentes das vivências aqui relatadas evidenciam que as dimensões conscienciais não são barreiras intransponíveis para essas conexões.

Apresentamos o caminho adotado para a superação da dor decorrente da ausência física de parentes próximos, fundamentado no paradigma consciencial. As trajetórias evolutivas são construídas passo a passo; um dia avançando mais, outro convivendo com a sensação de estar retrocedendo. A autopesquisa, em si, contribui para a visualização ampliada do processo, na qual é possível perceber avanços, sobrepujando as oscilações em microescala. A interação das respectivas autopesquisas permite que cada uma das pesquisadoras obtenha visão estratégica de si e da outra, favorecendo a postura de auto e heterocrítica construtiva.

A atuação dos amparadores extrafísicos tem sido crucial para sustentar nossa busca por novos padrões de maturidade consciencial e aprimoramento do senso de parafiliação ao macromecanismo evolutivo. Embora nossas trajetórias evolutivas possuam matizes e dinâmicas próprias, seguem agora orientadas por princípios e estratégias comuns, como a interassistência e a autopesquisa sinérgica compartilhada.

Pela via da desdramatização, vamos curando as cicatrizes deixadas pela dureza do aprendizado, evitando a formação de paracicatrizes. Uma vez erigidas pontes interdimensionais – novas formas de conexão entre os que ainda se encontram ressomados e aqueles que descartaram o corpo físico –, seguiremos, cada qual, o seu caminho, cada qual na sua dimensão, mas todos conscientes de que “tudo está interligado”.

## REFERÊNCIAS

1. BALONA, Málu; *Autocura através da Reconciliação: Estudo prático sobre Afetividade*; 4 ed.; Associação Internacional Editores Foz do Iguaçu, PR; 2015.
2. CAPRA, Fridjof; *A Teia da Vida: uma nova Compreensão Científica dos Sistemas Vivos*; 9. ed.; Cultrix; São Paulo, SP; 2000.

3. DEMO, Pedro; *Metodologia Científica em Ciências Sociais*; 3. ed.; Atlas; São Paulo, SP; 1995.
4. LOPES, Adriana; *Senso de Parafiliação*; verbete in: Vieira, Waldo (org.); Enciclopédia da Conscienciologia Digital; 23.003 páginas; 9. ed.; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; 2018; p. 20192-20196.
5. QUIVY, Raymond & CAMPENHOUDT, Luc Van; *Manual de Investigação Científica em Ciências Sociais*; Gradiva; Lisboa, Portugal; 1992; original - Paris: Bordas; 1988.
6. VIEIRA, Waldo; *Projeciologia: Panorama das Experiências da Consciência fora do Corpo Humano*; 10. ed.; Associação Internacional EDITARES; Foz do Iguaçu, PR; 2009.
7. VIEIRA, Waldo; *Manual da Tenepes: Tarefa Energética Pessoal*; 3. ed.; Associação Internacional EDITARES; Foz do Iguaçu, PR; 2011.
8. VIEIRA, Waldo; *Projeções da Consciência: Diário de Experiências da Consciência fora do Corpo Físico*, 5. ed.; Ed. IIPC; Rio de Janeiro, RJ; 2002.

**Betânia Ferreira de Abreu**, bibliotecária; graduada pela Universidade de Brasília - UnB, em 1982; voluntária e docente da Conscienciologia desde 2014; palestrante desde 2015; atualmente atua no setor Técnico Científico do IIPC Brasília.

*E-mail:* pinellideabreu@gmail.com

**Sandra Soares de Mello**, Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília - UnB, em 2008; arquiteta servidora do Governo do Distrito Federal, onde assumiu cargos de coordenação, gerência e direção na área de planejamento urbano, aposentando-se em 2012; voluntária do IIPC Brasília desde 2018, atuando na área de Comunicação.

*E-mail:* sandramello21@gmail.com